

Sessão reúne menos público que a eleição de Tancredo

Da Sucursal de Brasília

O Congresso constituinte instalou-se em ordem quase completa. Havia muita gente, mas muito menos que na eleição de Tancredo Neves, a 15 de janeiro de 1985. O plenário da Câmara dos Deputados estava lotado, mas não houve confusão. Do lado de fora, o ato de protesto convocado pela CUT e a CGT foi menor que o esperado, e terminou em calma e no horário, como haviam prometido os líderes à administração do Congresso Nacional.

Logo pela manhã, duas personagens concentraram a atenção dos repórteres, no saguão da Câmara. O deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) reclamava que a proposta de alguns de seus colegas para que a Câmara e o Senado não fossem instalados seria uma espécie de manobra "para livrar a cara do Ulysses". Lyra disputava a presidência da Câmara com o presidente do partido, Ulysses Guimarães. A segunda personagem foi o deputado federal Luis Inacio Lula da Silva (PT-SP), num impecável terno bege, mas sem abandonar o estilo inflamado nas entrevistas.

No plenário chamaram a atenção alguns encontros entre políticos que frequentemente defendem posições opostas. O ex-ministro da Fazenda e deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ) cumprimentou demoradamente o também deputado e ex-ministro Delfim Netto (PDS-SP) e o senador reeleito Jarbas Passarinho (PDS-PA). Dornelles foi secretário da Receita Federal durante a gestão de Delfim no Ministério da Fazenda. Passarinho também trocou abraços efusivos com o ministro da Justiça, Paulo Brossard.

Ulysses e Meneguelli

Depois de presidir a sessão de prestação de compromisso dos novos deputados, Ulysses Guimarães recebeu em seu gabinete uma comitiva de líderes sindicais comandada pelo presidente da CUT, Jair Meneguelli. Ele reclamava que a polícia estava querendo guinchar a perua de som da CUT, que seria usada pelos oradores

do ato de protesto na rampa do Congresso Nacional. Habilmente, Ulysses remeteu Jair e seus colegas para o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Carlos Moreira Alves.

Jair Meneguelli não saiu muito convencido, mas o problema foi contornado. Entrou na sala da presidência do Senado e depois de uma rápida reunião de negociação com o secretário-geral da Casa, João Orlando Barbosa Gonçalves, e com o coronel Paulo Alberto Lima, do Comando Militar do Planalto, anunciou um acordo.

Pelo acordo, não só a perua de som ficaria onde estava como o Congresso se encarregaria de fornecer a eletricidade para as caixas. Em compensação, os líderes começariam o ato às 14h e o terminariam inpreterivelmente às 15h15, ou seja, quinze minutos antes da chegada de Moreira Alves e do presidente José Sarney.

O Congresso constituinte instalou-se rapidamente. O presidente do STF chegou à Câmara às 15h55, e às 16h11 disse solenemente: "Declaro instalada a Assembléia Nacional Constituinte". Mas o longo discurso que se seguiu levou algumas senhoras elegantes e jornalistas a darem rápidos cochilos, nas galerias lotadas.

O público era formado basicamente por autoridades, diplomatas e parentes e convidados dos constituintes. A galeria só se manifestou no início da sessão, quando o deputado federal José Genoino (PT-SP) quis fazer uma declaração e sua voz foi abafada pela campanha, acionada por Moreira Alves. "Cala a boca", "sai daí, cafona", gritaram alguns, entre vaias e poucos aplausos.

O resto do discurso de 35 minutos foi acompanhado em silêncio. Houve apenas uma discreta exceção quando Moreira Alves referiu-se à "Revolução de 64". O deputado Aldo Arantes (PC do B-GO) interrompeu e gritou: "Foi golpe, foi golpe". Ninguém reagiu, o presidente do STF continuou, sem se abalar. Às 17h, no saguão da Câmara, a maior parte do espaço era ocupada por constituintes e seus parentes, posando para fotografias.